

“TRABALHO DE HOMEM, TRABALHO DE MULHER”: DIVISÃO SOCIAL DE TRABALHO EM CINCO LOCALIDADES AGRÍCOLAS DO NORDESTE DO PARÁ¹

Marcilene Silva da Costa;² Maria do Socorro Kato³

Palavras Chaves: Gênero, Agricultura familiar, trabalho rural

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa propõe analisar relações de trabalho de homens e mulheres em cinco localidades agrícolas dos municípios de Igarapé-Açu e Marapanim ambos situados no nordeste paraense. A pesquisa busca examinar o lugar do gênero na organização de trabalho buscando evidenciar como o processo de trabalho constrói espaços de gênero sendo que dessa forma são assim definidos o que são trabalhos específicos de homens e mulheres.

Estudos referentes a relações de gênero são de grande importância visto contribuir para desnaturalizar relações sociais assimétricas entre homens e mulheres baseadas nas diferenças entre os sexos, embora aqui se faça uma ressalva para enfatizar que essas relações não necessariamente são baseadas nas diferenças sexuais propriamente ditas e sim nas representações ou valorizações que se constroem a partir delas.

As cinco localidades do estudo em questão são: Nova Olinda, São Matias, São João, Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora Aparecida. Apresentam perfis essencialmente agrícolas onde a principal atividade econômica é a produção de farinha de mandioca, tendo destaque também a produção de maracujá, melancia, milho, abacaxi e feijão. A força de trabalho provém basicamente do grupo familiar, entretanto, algumas vezes, contrata-se mão-de-obra temporária para auxiliar, geralmente, em atividades de preparo de área – brocagem⁴ de capoeira – ou na manutenção da roça limpa – capina.⁵

¹ Parte do projeto aprovado pelo edital COAGR 004/2001-CNPq

² Antropóloga. Bolsista DTI CNPq, do projeto. marcicosta@hotmail.com

³ Eng. Agrônoma. Dr. em Agroecologia. Embrapa Amazônia Oriental. skato@cpatu.embrapa.br

⁴ De acordo com Oliveira (2002), brocar é “a denominação de todo processo de preparo de área para plantio no sistema corte e queima quando se trata de ‘capoeiras fina [vegetação secundária com idade média até 5 anos] e média’ [vegetação secundária com idade entre 5 e 10 anos] ou denominação apenas da primeira etapa deste processo, no caso de ‘capoeira

MATERIAL E MÉTODOS

O trabalho de campo começou em abril de 2004, inicialmente consistiu em observação direta e conversas informais com as mulheres de agricultores parceiros⁶ ou parceiras do projeto Tipitamba visávamos um contato mais próximo com as pessoas tentando assim transformar o *exótico* em *familiar*,⁷ embora esse *exótico* não o fosse tanto assim, lembramos aqui ao leitor que em nosso país o *exótico* nos pode ser bastante *familiar*.

Em um segundo momento da pesquisa de campo houve aplicação de formulários realizado no período de 06.04.2004 a 25. 05.2004. Ao todo, nas cinco localidades agrícolas foram entrevistadas 28 mulheres e quatro homens. A decisão em entrevistar não só mulheres, mas também alguns homens se deu levando em consideração o argumento de Rosaldo (1995) quando esta declara que homens e mulheres vivem, compartilham relações sociais juntos, sendo assim, jamais, entenderemos as mulheres sem relacioná-las aos homens. Para a autora e também para nós, mulheres devem ser entendidas em relação com outras mulheres e com outros homens.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ouvindo a opinião dos homens entrevistados conclui-se que eles não consideram as tarefas exercidas pela mulher no âmbito da casa como “trabalho de verdade”. Uma das entrevistadas declarou que os homens acham que serviço de casa não é nada, mas que para ela, essa tem serviço sim, além desse ser bastante cansativo. Para Woortmann & Woortmann (1997), a noção de trabalho, como categoria subjetiva, e o processo de trabalho, marcam distinções de gênero. Sendo que, geralmente, no meio rural, no contexto da agricultura, a categoria trabalho só se aplica ao homem.

Sendo assim, muitas vezes, o trabalho que a mulher exerce na roça é considerado apenas um auxílio ao trabalho do homem como declararam algumas informantes. Entretanto, mesmo sendo consideradas “pesadas” algumas tarefas masculinas são exercidas

grossa’ ou alta [vegetação secundária com idade média a partir de 11anos], que consiste no corte de cipós e arbustos com terçado ou roçadeira, como meio de facilitar a derruba”.

⁵ Consiste no corte de ervas daninhas que competem com os pés cultivados. Utiliza-se a enxada ou enxadeco.

⁶ É dessa forma que agricultores participantes do Projeto são designados e se auto-designam

pelas mulheres mostrando assim que não existe um domínio de atribuições exclusivamente masculino nem tampouco feminino. “Arrancar mandioca, torrar farinha é pesado mais se o homem estiver doente a mulher tem que fazer”, “serviço de roça: capinar, se o marido não puder, se tiver doente tem que fazer mas é serviço pesado mas as vezes não faz porque tem que cuidar das crianças e da casa”, “fazer farinha desde arrancar mandioca a todo o resto é um serviço ‘puxado’, não são todas as mulheres que fazem todo tipo de serviço, mesmo as da colônia”.

O homem em algumas ocasiões – como ausência ou doença da mulher –também realiza tarefas consideradas femininas como varrer casa, preparar alimento, entre outras. Porém, é importante ressaltar que os homens esporadicamente realizam tais tarefas enquanto as mulheres no que diz respeito a algumas “tarefas masculinas” freqüentemente estão a exercê-las. Mostram com isso que não são excluídas totalmente das tarefas produtivas e que nem tampouco os homens o são das tarefas domésticas. Nesse sentido, Carneiro (1998) declara que o par de oposição masculino/feminino que organiza as atividades do cotidiano não deve ser absolutizado visto que tanto o masculino pode incluir o feminino como este o seu oposto.

O tempo do homem e da mulher exercer atividades na roça não é igual. Ao serem indagados – se o horário de ir à roça é diferente para homens e mulheres – dos 32 entrevistados, 87% responderam que sim, sendo que, 53% desse mesmo universo respondeu que a mulher sai mais tarde de casa e volta mais cedo.

De acordo com Woortmann & Woortmann (1997), isso acontece porque o tempo da mulher é dividido entre os afazeres domésticos e o da roça, visto que a mulher deve interromper as atividades na roça para atender as crianças, preparar comida e as demais tarefas que lhe são atribuídas pelo “destino” que lhe é socialmente construído.

Como já foi visto em vários estudos de gênero, a mulher desempenha tarefas relacionadas ao âmbito doméstico sendo seu trabalho considerado menos importante do que o do homem, já este exerce atividades, além do espaço da casa, valorizadas socialmente sendo consideradas as tarefas mais importantes. Caracterizando dessa forma, um domínio público e um privado. Porém, embora a mulher sendo relegada a um papel de submissão e

⁷ Cf. DA MATTA, Roberto. “O ofício do etnólogo, ou como ter ‘anthropological blues’” IN NUNES, Edson de Oliveira (org.). **A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978. 23-35 ps.

subordinação ao homem podemos contestá-la como elemento passivo dentro das relações de trabalho visto ter resistência situada não só no espaço da casa como também no da roça.

Embora muitas vezes, a divisão do trabalho seja percebida como uma condição natural dada pelo nascimento onde as tarefas que cabem as mulheres sejam desvalorizadas, existem formas de resistência e de ajuste também. Não foi à toa que ao nos encontramos à sós com uma informante na ocasião em que ela capinava sozinha uma tarefa⁸ de roça, ela tenha olhado para os lados e sussurrado baixinho que estava fazendo aquele serviço porque seu marido lhe pagava, no entanto revelou-nos como uma espécie de segredo pois ninguém poderia saber o que ocorria visto que ela seria mal-vista pelas outras pessoas do lugar. Argumentou que era muito justo que o marido lhe pagasse para trabalhar, já que, se assim não o fizesse ia precisar pagar para outra pessoa que não ela. A posição da informante refuta a concepção dicotômica homem dominador contra mulher dominada mostrando que existem transgressões, ajustes, resistências. Entretanto, esses ajustes e resistências não excluem desigualdades e hierarquias nas relações entre os gêneros visto que o trabalho do homem é mais valorizado que o da mulher.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- CARNEIRO, Maria José. **Camponeses, agricultores e pluriatividade**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1998. 228p.
- COSTA, Marcilene Silva da. **Negros, morenos ou quilombolas**: memórias e identidades em Macapazinho, Pará. Belém: Universidade Federal do Pará, Departamento de Antropologia, 2004. 95p. Dissertação de Mestrado
- DA MATTA, Roberto. "O ofício do etnólogo, ou como ter 'anthropological blues'" IN NUNES, Edson de Oliveira (org.). **A aventura sociológica**: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. 23-35 ps.
- LIMA, Josinete Pereira. **Pescadoras e donas-de-casa**: a invisibilidade do trabalho das mulheres numa comunidade pesqueira. Belém: Universidade Federal do Pará, Departamento de Sociologia, 2003. 80p. Dissertação de Mestrado.
- MOTTA-MAUÉS, Maria Angelica. "**Trabalhadeiras**" e "**Camarados**": relações de gênero, simbolismo e ritualizações numa comunidade amazônica. Belém: Centro de Filosofia e Ciências Humanas/UFPA, 1993. 228p.
- OLIVEIRA, Carlos Douglas de Sousa. **Percepção de agricultores familiares na adaptação do sistema de cultivo de corte e trituração**. Belém: UFPA/Centro Agropecuário:Embrapa Amazônia Oriental, 2002. 131p. Dissertação de Mestrado.

⁸ Cada tarefa representa 1/3 de hectare. A medida popular é normalmente compreendida como o espaço linear entre os braços de uma pessoa quando esta os estende lateralmente.

ROSALDO, Michelle. O Uso e abuso da antropologia: reflexões sobre o feminismo e o entendimento intercultural. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, n.1, p.11-36,1995

WOORTMANN, Ellen & WOORTMANN, Klaas. **O trabalho da terra: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa**. Brasília: Editora UNB, 1997